

CHASQUI



O CORREIO DO PERU

Ano 1, número 1

Boletim Cultural do Ministério de Relações Exteriores

Julho 2003



SOL NEGRO. 1992. Acrílico sobre tela. 200 x 180 cm.

CHAPAQ ÑAN: O CAMINHO DOS INCAS / SZYSZLO NO LABERINTO /
FLORA TRISTÁN: ITINERÁRIO DA GENEROSIDADE / PERUANIDADE DO PISCO /
A VISITA DE HUMBOLDT / O CORPUS CHRISTI DO CUSCO

QHAPAQ ÑAN

O caminho dos Incas

Luis Guillermo Lumbreras

Quando Francisco Pizarro e seus associados chegaram ao Peru, em 1532, ingressaram a um país atravessado por uma complexa rede de comunicações, que não só permitia transportar-se de um lado a outro do território por caminhos bem traçados e bem servidos, mas que graças a essa rede circulavam as notícias e os bens com grande rapidez, com alto grau de eficiência e segurança.

Grças a isso, os povos da serra recebiam com prontidão os produtos do mar e da mesma forma, chegavam aos vales costeiros as madeiras finas e as plumas policromadas dos bosques úmidos da Amazônia. Graças a isso, os Incas do Cusco podiam administrar o trabalho e a produção de territórios afastados, a milhares de quilômetros dessa cidade.

Os Canharis, naturais da serra sul do Equador, e os Chachas do Amazonas, viviam nos vales do Cusco e nos vales de clima temperado de outras províncias incas, sem perder, por esse motivo o acesso a seus bens nativos nem o contato com seus parentes. Tão era assim que, em pouco tempo –

depois da conquista espanhola – os diversos povos que cumpriam tarefas comunais a serviço do Tawantinsuyu, nos mais diversos lugares do Império, voltaram rapidamente a seus lugares de origem. Tão era assim que os espanhóis puderam chegar sem cansaço de Cajamarca até Cusco em poucos dias, ajudados pela hospitaleira generosidade dos serviços de abrigo e comida que oferecia o caminho.

Três séculos depois, logo de estabelecida a República no Peru, a começo do século XX, a instalação dos meios mecânicos de transporte, produto da grande Revolução Industrial que invadiu o Mundo no século XIX,

induziu uma política de comunicação baseada no uso de carros. Se bem que lento, o abandono dos caminhos feitos a pé ou em cavalgadas foi em aumento.

A habilitação das estradas – que são caminhos para rodar e não para caminhar – é uma opção muito dispendiosa para os países de cordilheira, posto que exige terrenos planos e horizontais, preferencialmente. Isso atrasou e dificultou enormemente o desenvolvimento de uma política vial no Peru, que é atravessado longitudinalmente pela Cordilheira dos Andes, de traços muito desiguais, espaços planos predominantemente inclinados e com agudas encostas.

Ao serem articuladas novas tecnologias de transporte com uma opção econômica exportadora, as estratégias de comunicação se transferiram abertamente à costa, em conexão com os portos, onde havia espaços apropriados a serem habilitados como terrenos horizontais, cortando os desertos vizinhos ao mar.

Esta opção vial, restou importância à ancestral rede de articulação andina, que tinha sido aperfeiçoada ao longo de muitos séculos e que adquirira a forma de um projeto integral de comunicação terrestre no século XV, configurado como o principal meio de organização do Tawantinsuyu, um projeto político de integração identificado como Império dos Incas e que tinha como centro a cidade de Cusco.

O eixo central dessa rede era a Cordilheira dos Andes. A opção tecnológica da época levava a uma solução para pedestres, onde o caminho tinha que facilitar o trânsito de pessoas, séquitos e caravanas muitas vezes acompanhados por réguas de lhamas, conduzindo os viajantes por caminhos firmes e bem traçados. Percorria-se a cordilheira longitudinalmente, transpondo os declives por meio de escadarias, as quebradas por meio de pontes e habilitando «passagens» nos pontos do caminho onde os maciços exigiam túneis ou grandes construções.

O «Qhapaq Ñan» era o caminho principal de onde partiam uma série de caminhos laterais que vinculavam o eixo longitudinal com todos e cada um dos povoados localizados nas

MENSAGEM

Torna a surgir o *Chasqui* no Peru, mas dessa vez para percorrer o mundo. Nos tempos dos incas o Chasqui ou correio oficial, levava as notícias, precisamente pelo Quapaq Ñan, até os confins do Tawantinsuyu. Agora, graças aos progressos tecnológicos, quer chegar aos países amigos e a nossos compatriotas no exterior para promover nas suas páginas a cultura peruana, que nos honra e enriquece com sua celebrada qualidade e diversidade.

A publicação deste primeiro número de *Chasqui* coincide com a aprovação do Plano Cultural do Peru no Exterior elaborado pelo Ministério de Relações Exteriores. Trata-se de um ambicioso esforço que envolve diversas instituições públicas e privadas e compromete nosso reconhecimento. Queremos render homenagem ao ilustre historiador e chanceler Raúl Porras Barrenechea – que teve o acerto de editar faz quase meio século o primeiro *Boletim Cultural Peruano* nesta Chancelaria – e tomar como nossas suas palavras: «O Peru, país de encruzilhada, do cruzamento de todos os caminhos e de todas as ondas culturais da América desde a época pré-histórica, esse país de conciliação de contrários e de síntese».

Allan Wagner Tizón

cima, quebradas e ladeiras da cordilheira. De todos os pontos era possível chegar à rede linear ou radial, de acordo às necessidades do território. Dessa maneira, os produtos da terra podiam transitar de um extremo ao outro do país, seguindo a demanda de projetos e necessidades, e conectando com a máxima eficiência vizinhos próximos e longínquos, permitindo um circuito de bens e serviços que possibilitavam rápida prestação de ajuda mútua sempre que as circunstâncias assim o exigissem.

Essa organização vial, que tinha traços bem delimitados, com sinalização das rotas por meio de uma fixação bem definida dos limites do caminho, ia também acompanhada de uma generosa política de reservas, alimentos conservados e vestimentas, mediante a instalação, junto aos caminhos, de depósitos, «qollqas», onde se guardavam os excedentes para cobrir demandas imprevistas, que eram acompanhados de estações, «tambos», onde os caminhantes podiam descansar e recuperar energias. Dessa forma, ao longo de mais de 5000 kms. de rota, os viajantes podiam transitar sem se desviarem do caminho, inteiramente confiados nas facilidades e serviços necessários para um longo trajeto.

O caminho permitia que os «chasquis», mensageiros do Inca, levassem as notícias de todo o império em pouco tempo, facilitando a intervenção do estado em todas as instâncias administrativas nas que este estava comprometido. Graças a esse mesmo meio o Inca recebia no Cusco os benefícios do tributo que lhe chegava em forma de bens – como peixes frescos do mar – ou de força de trabalho itinerante. Também era o meio graças ao qual os exércitos do Inca se transportavam para estabelecer as condições impostas pelo estado às zonas submetidas ao Cusco.

O caminho dos Incas causou uma explicável surpresa aos espanhóis que o encontraram em pleno funcionamento. Os trechos lajeados, muitos deles protegidos por muralhas que acompanhavam os séquitos por longos percursos, assim como a largura do traçado, fixado com beiradas claramente visíveis na maior parte dos caminhos, converte essa via – além do serviço – em um incrível espetáculo.



Espectáculo sim, de harmonia e segurança, que se combina com o que oferece a paisagem andina, diversa e policromada. Dos mais de 7.000 kms. de longitude que tem a cordilheira dos Andes, uns 5.000 foram cobertos pelo Qhapaq Ñan. Nesses 5.000 kms. se registra a variedade mais

de todas as cores das serras áridas. Verdes bosques, estepes amarelas e extensões rochosas salpicadas de cactos são quadros que o caminhante pode ver num só dia de Qhapaq Ñan, indo depois repousar no vale ou no lugar onde esteja instalado o «tambo» ou a cidade de destino,

«Essa organização vial, que tinha traços bem delimitados, com sinalização das rotas por meio de uma fixação bem definida dos limites do caminho, ia também acompanhada de uma generosa política de reservas, alimentos conservados e vestimentas»

notável de paisagens do planeta, dos ambientes gélidos das montanhas nevadas, rodeadas de páramos e frias estepes, aos vales úmidos ou secos – segundo a latitude – e as savanas e os vales vizinhos, temperados ou cálidos e logo depois, os areais e rochedos

contemplando as montanhas, cujos «apus»¹ lhe dão proteção.

Claro está, que essa rede não foi criada de um momento a outro, nem respondeu à vontade única de um só Inca. Talvez 1.000 anos antes da instalação do



incário, talvez 500 – durante o período conhecido como Wari – tinha se instalado uma rede andina de caminhos, com a mesma pulcritude do Qhapaq Ñan, que nascendo em Ayacucho se dirigia ao sul até perto do Titicaca e ao norte às proximidades de Chachapoyas e Piura.

O Tawantinsuyu ultrapassou esses limites e levou o Qhapaq Ñan até os Pastos, além de Ibarra e Quito pelo norte, até quase o leito do rio Guaytara – no sul da Colômbia –, até as fronteiras entre Picunches e Mapuches, perto da atual cidade de Concepción, no centro-sul do Chile e à terra dos Huarpes na Argentina. Estavam ligados vários milhões de habitantes de diversas formas de vida, línguas e costumes, com o centro na cidade de Cusco. Do Cusco saía o Qhapaq Ñan em quatro direções: ao norte – Chinchaysuyu – ocupado por Quechuas e Yungas, ao sul – Qollasuyu – ocupado por Quechuas e Arus, ao ocidente – Contisuyu – ocupado por Pukinas e Aymaras e, ao oriente – Antisuyo – ocupado pelos Chunchos. Terras férteis do norte, áridas do sul, desérticas do oeste, selváticas do leste.

Na verdade estiveram e estão ligados esses povos, mantendo fortes signos de unidade com o componentes próprios de sua diversidade, mas perderam o eixo articulador de uma política vial operativa e sensível às necessidades de integração que eles reclamam. É um eixo articulador que compreendia perto de 40.000 kms. de uma rede que os arqueólogos puderam registrar em mais de 23.000 kms. de caminhos.

Em termos de patrimônio arqueológico é, sem dúvida, o maior monumento que se conhece no Continente americano e que é compartilhado por cinco países andinos. Nessa rota hoje vivem comunidades de agricultores, pastores, mineiros e pescadores; há povos cujos artesanatos atravessam os mares graças à riqueza de suas formas e seus conteúdos, enquanto outros os guardam sem poder promovê-los. É uma rota colapsada, saturada de promessas de retorno. ●

¹ «Apus» são os deuses ou forças naturais que protegem a vida e brindam segurança.

FLORA TRISTÁN

INTINERÁRIO DA GENEROSIDADE

Marco Martos

Flora Tristán (1803-1844) pertence ao grupo dos grandes inconformados, pessoas que estavam persuadidas de ser possível mudar de raiz a sociedade para erradicar os vestígios da injustiça e do sofrimento. Filha de pai peruano e mãe francesa, batalhou durante toda sua vida contra a adversidade e por meio de suas obras, de apaixonada militância política, é a imagem da primeira lutadora social que ligou seu nome ao Peru.

O mais famoso dos seus livros, *Peregrinações de uma pária*, versa sobre sua viagem ao Peru durante 1833 e 1834. O livro é uma visão da vida pública e privada da sociedade peruana do século XIX. Embora ágil, a narração se detém demoradamente numa série de mentalidades de idiossincrasia tradicional que dificultam o avanço da modernidade.

Os pais de Flora Tristán, Anne-Pierre Laisnay e Mariano Tristán y Moscoso, se conheceram em Bilbao. Ela fugia da revolução francesa e ele fazia parte do exército espanhol. O episódio desse casamento está repleto de brumas. O mais provável é que sim, foi esquecido e podemos imaginar que as núpcias não foram registradas perante a autoridade competente, carecendo por tal motivo de validade legal na França.

Enquanto viveu Mariano Tristán, as condições de vida de Flora foram excelentes, mas ao morrer o militar arequipenho, em junho de 1807, quando a menina ainda não tinha feito cinco anos, a situação mudou violentamente. Mãe e filha foram despojadas da propriedade que tinham e todos os bens de dom Mariano passaram a formar parte da fortuna de seus parentes no Peru. Dessa circunstância nasce o apelativo que a própria Flora Tristán se deu. A autodenominada pária, depois de mais de um século e meio de sua morte foi acolhida na imaginação dos peruanos, reconhecida como uma ilustre compatriota, querida e estimada.



O PARAÍSO NA OUTRA ESQUINA

A recente publicação da novela de Mário Vargas Llosa *O paraíso na outra esquina*, trouxe à memória do público leitor a história real dos dois protagonistas: Flora Tristán e seu neto Paul Gauguin (Paris, 1848 - Ilhas Marquesas, 1903).

É certo que a imaginação popular relacionava vagamente esses dois personagens, e nunca como agora a ficção dos peruanos tinha se apoiado tanto na história. Menéndez Pidal dizia que os espanhóis sentiam poética a história. Agora se pode agregar que essa é uma marca da literatura hispanoamericana, que a distingue claramente de outras literaturas, como a francesa ou a inglesa.

Mário Vargas Llosa, como já nos acostumou, construiu uma novela de firme alento, onde a rigorosa investigação que realizou durante vários anos, se traduz numa narração ágil que apresenta as diferentes facetas da biografia dessa valente lutadora social, Flora Tristán e seu genial neto, Paul Gauguin. Aparentemente mais coisas acontecem a Gauguin: desde abandonar a vida na Bolsa, eleger a pintura como seu objetivo de vida, e mesmo sua busca pelos paraísos primitivos. Mas a vida de Flora Tristán na pluma de Vargas Llosa não é menos interessante: trata-se de uma mulher que vai se despojando de todo objetivo que considera inferior, para se concentrar num alto ideal. Gauguin passou os decisivos cinco primeiros anos da infância em Lima, na casa de seus parentes Echenique Tristán. O mundo recorda agora o centenário de sua morte e o bicentenário do nascimento de sua ilustre avó.

Penosas circunstâncias obrigaram Flora a trabalhar como operária no ateliê do pintor e litógrafo André Chazal, que logo se sentiu atraído pela mocinha. Chazal, como já tinha feito com outras moças, teria preferido que ela fosse sua amante, mas o fêrreo caráter da jovem trabalhadora de certo modo o obrigou a pedi-la em casamento, que se celebrou em 1821 e desde então começou uma série de sofrimentos que acompanhariam toda a vida de Flora. Chazal constantemente a humilhava, enchia de improperios, surrava e só a tratava com um pouco de consideração nos momentos prévios às relações sexuais.

Flora Tristán, aos 22 anos tirou conclusões radicais de sua vida matrimonial. Mãe de três filhos, rejeitou a maternidade e desconfiou do valor do sexo. Num ato de audácia, que seus contemporâneos quase não conseguiam entender, abandonou seu lar e levou consigo seus filhos.

Entre 1825 e 1830 viveu com grandes dificuldades, fugindo tanto de André Chazal como da justiça francesa. Anos penosos, escuros e de intensa dor. Dois de seus filhos morreriam nos anos seguintes e a única sobrevivente Aline Marie, que mais tarde foi a mãe de Paul Gauguin, passou toda a infância no campo, graças à diligência de generosas amas de leite.

Não se sabe ao certo como Flora Tristán começou a viajar, sua própria versão é que chegou a Londres como dama de

companhia, talvez em condição de criada. Mesmo assim, seu caráter adquiriu fortaleza e percebeu que as condições de exploração na sociedade industrial, eram de características especialmente duras para com as mulheres.

Em Paris, Flora Tristán conhece casualmente a Zacarías Chabrié, um capitão de barco que conhecia bem o Peru, e que a animou a entrar em contato com os parentes de seu falecido pai, Mariano Tristán. Seu tio, dom Pio, numa longa resposta, cheia de lisonjas à sua recém aparecida sobrinha, ao mesmo tempo desliza, entrelinhas, a impossibilidade de compartilhar a herança do seu irmão. Mesmo assim, Flora se embarca e fica no Peru durante dez meses, dois em Lima e oito em Arequipa.

Flora viveu uma situação paradoxal em Arequipa. De um lado, cheia de atenções no seio de uma família rica, cercada de criados e familiares, recebendo a corte de numerosos galãs que ignoravam ser Flora casada e mãe de três filhos; do outro lado foi percebendo a profunda injustiça da sociedade peruana e compreendendo a rejeição de sua própria família, negando-lhe os direitos de herança que naturalmente lhe correspondiam.

Flora Tristán adquiriu maturidade no Peru. Foram notórias sua resolução e serenidade. Seu livro *Peregrinações de uma pária*, de 1837, obteve êxito na França. Mas o destino ainda lhe deparou desagradáveis surpresas: André Chazal tentou assassiná-la em plena rua. E como se o destino a apressara, ela escreve uma novela, *Méphis* em 1838 e *Passeios por Londres*, uma ácida crítica à sociedade capitalista.

De modo natural Flora Tristán se transforma em lutadora social. Escreve seu livro *A União Operária* (1843). Tinha iniciado excursões políticas por todo o território francês quando a morte a surpreende no dia 14 de novembro de 1844. ●

CÉSAR MORO / POESIA

VIENES EN LA NOCHE CON EL HUMO FABULOSO DE TU CABELLERA

Apareces
 La vida es cierta
 El olor de la lluvia es cierto
 La lluvia te hace nacer
 Y golpear a mi puerta
 Oh árbol
 Y la ciudad el mar que navegaste
 Y la noche se abren a tu paso
 Y el corazón vuelve de lejos a asomarse
 Hasta llegar a tu frente
 Y verte como la magia resplandeciente
 Montaña de oro o de nieve
 Con el humo fabuloso de tu cabellera
 Con las bestias nocturnas en los ojos
 Y tu cuerpo de rescoldo
 Con la noche que riegas a pedazos
 Con los bloques de noche que caen de tus manos
 Con el silencio que prende a tu llegada
 Con el trastorno y el oleaje
 Con el vaivén de las casas
 Y el oscilar de luces y la sombra más dura
 Y tus palabras de avenida fluvial
 Tan pronto llegas y te fuiste
 Y quieres poner a flote mi vida
 Y sólo preparas mi muerte
 Y la muerte de esperar
 Y el morir de verte lejos
 Y los silencios y el esperar el tiempo
 Para vivir cuando llegas
 Y me rodeas de sombra
 Y me haces luminoso
 Y me sumerges en el mar fosforescente donde
 acaece tu estar
 Y donde sólo dialogamos tú y mi noción oscura
 y pavorosa de tu ser
 Estrella desprendiéndose en el apocalipsis
 Entre bramidos de tigres y lágrimas
 De gozo y gemir eterno y eterno
 Solazarse en el aire rarificado
 En que quiero aprisionarte
 Y rodar por la pendiente de tu cuerpo
 Hasta tus pies centelleantes
 Hasta tus pies de constelaciones gemelas
 En la noche terrestre
 Que te sigue encadenada y muda
 Enredadera de tu sangre
 Sosteniendo la flor de tu cabeza de cristal moreno
 Acuario encerrando planetas y caudas
 Y la potencia que hace que el mundo siga en pie y guarde
 el equilibrio de los mares
 Y tu cerebro de materia luminosa
 Y mi adhesión sin fin y el amor que nace sin cesar
 Y te envuelve
 Y que tus pies transitan
 Abriendo huellas indelebles
 Donde puede leerse la historia del mundo
 Y el porvenir del universo
 Y ese ligarse luminoso de mi vida
 A tu existencia.

VENS NA NOITE COM A FUMAÇA FABULOSA DA TUA CABELEIRA

Apareces
 A vida é certa
 O cheiro da chuva é certo
 A chuva te faz nascer
 E tocar a minha porta
 Oh árvore
 E a cidade o mar que navegaste
 E a noite se abrem a teu passo
 E o coração volta de longe a se assomar
 Até chegar à tua frente
 E te ver como a magia resplandecente
 Montanha de ouro ou de neve
 Com a fumaça fabulosa de tua cabeleira
 Com as bestas noturnas nos olhos
 E teu coração de rescoldo
 Com a noite que regas a pedaços
 Com os blocos de noite que caem de tuas mãos
 Com o silêncio que prende a tua chegada
 Com o transtorno e o mar ondulante
 Com o vaivém das casas
 E o oscilar de luzes e a sombra mais dura
 E tuas palavras de avenida fluvial
 Apenas chegas e já te foste
 E queres que flutue minha vida
 E só preparas minha morte
 E a morte de esperar
 E o morrer de te ver longe
 E os silêncios e o esperar o tempo
 Para viver quando chegas
 E me rodeias de sombras
 E me fazes luminoso
 E me submerges no mar fosforecente onde acontece teu
 estar
 E onde só dialogamos tu e minha noção escura e pavorosa
 de teu ser
 Estrela desprendendo-se no apocalipse
 Entre bramidos de tigres e lágrimas
 De gozo e gemer eterno e eterno
 Recrear-se no ar rarefeito
 Em que quero te aprisionar
 E rodar pela pendente de teu corpo
 Até teus pés cintilantes
 Até teus pés de constelações gêmeas
 Na noite terrestre
 Que te segue acorrentada e muda
 Trepadeira de teu sangue
 Sustentando a flor de tua cabeça de cristal moreno
 Aquário encerrando planetas e caudas
 E a potência que faz que o mundo siga de pé e guarde o
 equilíbrio dos mares
 E teu cérebro de matéria luminosa
 E minha adesão sem fim e o amor que nasce sem cessar
 E te envolve
 E que teus pés transitam
 Abrindo pegadas indeléveis
 Onde se pode ler a história do mundo
 E o porvir do universo
 E esse ligar-se luminoso de minha vida
 À tua existência.

Cesar Moro (Lima, 1903 - 1956) é considerado um dos poetas hispanoamericanos mais importantes dentro da poesia surrealista. A Pontifícia Universidade Católica do Peru publicou recentemente *Prestígio do Amor*, PUCP 2002, com seleção, tradução e prólogo de Ricardo Silva-Santisteban.

SZYSZLO NO

Mario Va

Fernando de Szyszlo Valdelomar (Lima, 1925) iniciou seus estudos no colégio jesuíta «A Imaculda» e depois na Escola Nacional de Artes Plásticas da Universidade Católica dirigida por Adolfo Winternitz para se iniciar na pintura. No início do presente ano a *Maison de L'Amérique Latine* mostrou na capital francesa uma retrospectiva de sua obra. Na exposição parisiense, o célebre escritor peruano faz

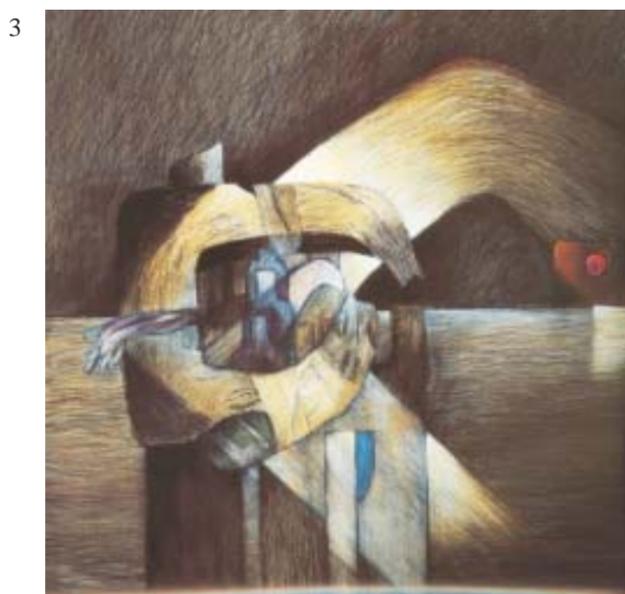
De quando em quando, uma pergunta surge angustiada: existe América Latina? Somos diferentes dos outros? E de ser assim, como se define essa identidade latino-americana na cultura? Ninguém pensaria interrogar-se se existe o francês, o italiano, o espanhol. Essas culturas nos parecem tão evidentes quanto soberanas, umas realidades inquestionáveis que cada quadro, novela, sistema de idéias saídos delas consolida. A nossa, o nosso, pelo contrário, é para nós muito menos irrefutável. Como se América Latina pudesse se dissolver de súbito e não acabasse de se solidificar numa totalidade coerente essa multidão de tradições, mentalidades e linguagens que a constituem: o pré-hispânico, o europeu, o africano, as diversas mestiçagens.

Segundo épocas e modas dominantes, os artistas latino-americanos tem se considerado brancos, índios ou mestiços. E cada uma dessas definições – o hispanismo, o indigenismo, o

mestiço tem significado uma mutilação, pois excluiu de nossa personalidade cultural alguns filões que tinham tanto direito a nos representarem como o escolhido. Mas, apesar dos inumeráveis tratados, artigos, debates, simpósios sobre um tema que nunca se esgota, – nossa identidade – o certo é que toda vez que temos a sorte de nos encontrarmos frente a uma genuína obra de criação surgida no nosso meio, a dúvida se evapora imediatamente: o latino-americano existe e está ali, é isso que vemos e desfrutamos, que nos turba e exalta e que, por outro lado, nos identifica. Isso que nos acontece com os contos de Borges, os poemas de Vallejo ou de Octávio Paz, os quadros de Tamayo ou de Matta, também nos ocorre com a pintura de Szyszlo: isso é América Latina na sua mais alta expressão, nela está o melhor que somos e temos.

Rastrear nesses quadros turbadores as pegadas de nossa identidade tem algo de vertiginoso,

pois eles delineiam uma vasta geografia, um labirinto tão complicado e tão diverso onde ainda o mais destre explorador pode se extraviar. Filho de um cientista polonês e de uma peruana do litoral, Szyszlo também está dividido em relação a suas fontes artísticas, a arte pré-colombiana, as vanguardas européias, certos pintores norte-americanos e latino-americanos. Mas talvez a paisagem que o cercou a maior parte de sua vida – o céu cinzento de Lima, sua cidade, os desertos da costa cheios de história e morte e esse mar que comparece com tanta força em sua pintura dos últimos anos – tenha sido uma influência tão determinante para configurar seu mundo como o velho legado dos anônimos artesãos pré-colombianos cujas máscaras, mantos de plumas, figurinhas de barro, símbolos e cores aparecem com frequência quinta-essenciados em suas telas. Ou como as refinadas audácias, negações e experimentos da arte ocidental moderna – o cubismo, o não-figurativo, o surrealismo – sem os



LABIRINTO

rgas Llosa

pois, em 1944, ingressou à Escola Nacional de Engenheiros para estudar arquitetura, mas logo escolheu a pintura. Fez sua primeira exposição em 1947. Entre 1948 e 1951 esteve em Paris e aderiu ao abstracionismo. A obra de sua obra que deverá percorrer outras grandes cidades. No seguinte texto, aparecido no catálogo da exposição, há uma aproximação ao trabalho deste notável artista.

Assim como a pintura de Szyzlo não seria tampouco o que é.

As raízes de um artista sempre são profundas e inextrincáveis, como as das grandes árvores. É útil estudá-las, averiguá-las pois elas nos aproximam a esse misterioso centro onde nasce a beleza e a essa indefinível força que certos objetos criados pelo homem são capazes de desatar e que nos desarma e subjuga. Mas conhecê-las serve também para saber seus limites, pois as fontes de que se nutre não explicam nunca a totalidade de uma obra de arte. Pelo contrário, costumam mostrar como um artista vai sempre muito além de tudo aquilo que formou sua sensibilidade e aperfeiçoou sua técnica.

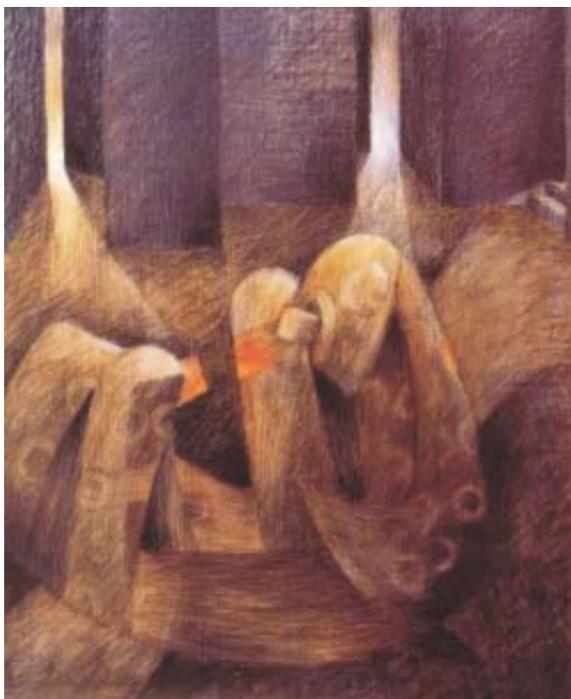
O pessoal – escura matéria feita de sonhos e desejos, de pulsações, reminiscências e inconscientes impulsos – é certamente em Szyzlo tão importante como as correntes pictóricas às que

sua obra possa afiliar-se, ou aquilo que conscientemente admirou e emulou. E é provável que nesse reduto secreto de sua personalidade esteja aquela inacessível chave do mistério que, junto com a elegância e destreza, é o grande protagonista de seus quadros.

Algo ocorre neles, sempre. Algo que é mais que a forma e a cor. Um espetáculo difícil de descrever mas não de sentir. Uma cerimônia que às vezes parece de imolação ou sacrifício e que se celebra sobre uma ara primitiva. Um rito bárbaro e violento, no que alguém se desangra, desintegra, entrega e também acaso goza. Algo, em todo caso, que não é inteligível, que é preciso apreender pela via tortuosa da obsessão, do pesadelo, da visão. Muitas vezes, minha memória atualizou de repente esse estranho tótem, despojo visceral ou monumento recoberto de inquietantes oferendas – ligaduras, espolões, sóis, fendas, incisões, hastes – que é desde muito tempo um

personagem assíduo nas telas de Szyzlo. Eu me fiz incontáveis vezes a mesma pergunta: de onde sai? Quem, o que é?

Sei que não há respostas a essas perguntas. Mas o fato de ser capaz de suscitá-las e mantê-las vivas na lembrança dos que entram em contato com seu mundo, é o melhor credencial de autenticidade da arte de Fernando de Szyzlo. Uma arte que, como a América Latina, se submerge na noite de civilizações extintas e vai a par com as novíssimas, aparecidas em qualquer dos cantos do globo. Que se ergue na encruzilhada de todos os caminhos, ávida, curiosa, sedenta, livre de preconceitos, aberta a qualquer influência. Mas inflamadamente leal a seu secreto coração, essa soterrada e quente intimidade onde se metabolizam as experiências e os ensinamentos e onde a razão se põe a serviço do sem razão para que brotem a personalidade e o gênio de um artista. ●



1. *Anabase*. 1982. Acrílico sobre tela, 150 x 150cm.
2. *Abolição da morte*. 1987. Acrílico sobre tela, 200 x 360cm.
3. *Caminho a Mendieta*. 1977. Acrílico e pastel sobre tela, 150 x 150cm.
4. *Quarto de passo*. 1981. Acrílico sobre tela, 200 x 300cm.
5. *Câmara ritual II*. Díptico. 1986. Acrílico sobre tela, 200 x 300cm.
6. *Sol negro*. Díptico. 1992. Acrílico sobre tela, 200 x 300cm., Coleção particular.

Duas recentes publicações abordam, com o rigor do caso, a qualidade e autenticidade de uma de nossas bebidas essenciais: o pisco. A jornalista Mariela Balbi, num volume belamente editado, e o diplomata Gonzalo Gutiérrez, são os autores destas valiosas obras.

A PERUANIDADE DO PISCO

O Pisco e seu nome Gonzalo Gutiérrez

Olexicólogo e professor universitário iquenho, César Ángeles Caballero, é um dos estudiosos que com maior dedicação investigou as origens da palavra «pisco». Em suas obras *Peruanidade do Pisco* e *Dicionário do Pisco* faz uma completa análise e determinação sobre a proveniência do nome, assim como sobre sua vinculação primigênia e original com o Peru.

Ángeles Caballero identifica quatro fontes – que ele denomina «nascentes» – como a origem da palavra «pisco», todas elas vinculadas a uma área geográfica determinada: a costa do atual estado de Ica, no sul do Peru.

ORIGEM ZOOLOGICA

A primeira fonte, ou nascente, é a zoológica. No idioma quechua, falado pelos nativos da zona desde a época precolombiana, «pisku», «pisccu», «phishgo» ou «pichiu» era o apelativo de aves ou pássaros; estes, ainda hoje, numerosos na zona costeira de Ica. Ángeles Caballero registra uma série de testemunhos de cronistas e lexicógrafos, que partem da Colônia e chegam até nossos dias, nos que deixam constância desta origem da palavra.

ORIGEM TOPONÍMICA

Parece que desde a fonte zoológica a palavra «pisco» evoluiu a uma nova nascente, a toponímica. Em consequência da sua abundância de aves, o lugar começou a ser designado pelos naturais da zona com o nome de «Pisco». Esta designação, anterior à Conquista, se mantém depois da chegada dos espanhóis e do mesmo modo, em diversas crônicas, obras e mapas descreve-se a área com tal denominação.



Renzo Uccelli

O primeiro mapa conhecido do Peru foi elaborado pelo geógrafo Diego Méndez, em 1574. Apesar da imprecisão da cartografia da época, já nesse momento ele identifica claramente o porto de Pisco, localizando-o ao sul da Cidade dos Reis, no que designa «Golfo de Lima».

O nome de Pisco, para o porto localizado na costa sul do Peru, deve ter calado profundamente em seus habitantes, em particular, e em toda a sociedade colonial, em geral, já que quando o Vice-rei do Peru, o Conde de Nieva, informa ao Rei da Espanha sobre a fundação de Ica, em 1563, agrega também que tem a intenção de «fundar outra vila com o nome de Pisco», fundação colonial que entretanto não se concretou naquele momento.

Posteriormente, o Vice-rei Pedro de Toledo, marquês de Mancera, no dia 23 de novembro de 1640, decidiu batizar a zona com o nome de São Clemente de Mancera. Décadas depois, no fim de século XVII, depois de ter sido abatida por um terremoto e assaltada pelo pirata Edward Davis, procede-se a mudar-lhe

novamente de nome: «Vila da Concórdia de Nossa Senhora do Rosário». Apesar de tudo isso, continuou se conhecendo como Pisco, seu nome original. Uma situação similar e com idêntica sorte ocorreu também durante a República quando, em 1832, mediante uma lei, dispôs-se que a «Vila de Pisco se denominará de vila e porto da Independência». Não obstante, o nome popular sobreviveu.

ORIGEM ÉTNICA

A terceira fonte que é identificada por Ángeles Caballero em relação à palavra «pisco» é de caráter étnico. Ele indica que, depois da época pré-hispânica, um grupo humano habitou a zona onde se encontra o atual porto de Pisco. Esses nativos eram descendentes tanto da antiga cultura Paracas – desenvolvida entre o século II e III d.C. – e que teve manifestações artísticas de altíssimo nível como os famosos tecidos policromados, quanto da cultura Nazca – que sucede a Paracas na mesma zona entre o século III d.C. e o XI d.C. – muito famosa por sua maravilhosa cerâmica, caracterizada pela

multiplicidade de cores e pela construção das «Linhas de Nazca», geoglifos de enorme tamanho que retratam figuras antropomorfas, zoomorfas, assim como de diversos desenhos geométricos.

Neste grupo humano, conquistado para o Império Inca durante o reinado de Pachacútec (1438-1471), existia uma casta de oleiros que eram denominados os «piskos». Um dos produtos característicos, de argila, fabricados pelos «piskos», eram os recipientes utilizados para armazenar todo tipo de líquidos, particularmente «chicha» e outras bebidas alcoólicas, preparadas a base de molhe ou canhigua.

Segundo a obra de Fernando Lecaros, a casta de oleiros «piskos» foi empregada pelos espanhóis a princípios da Colônia para fabricação de recipientes ou talhas, em forma de ânforas gregas. Eram elaborados de barro cozido e recobertos interiormente com cera de abelhas silvestres. Foram utilizados para envasar e transportar o licor de uva produzido na zona de Pisco.

ORIGEM INDUSTRIAL

Finalmente, todas as fontes anteriores derivaram numa quarta, que Ángeles Caballero denomina «nascente industrial». É assim que as ânforas fabricadas pelos oleiros «piskos» passaram a se denominar também «piscos». Nelas se começou a armazenar a aguardente de uva produzida na zona. Não é difícil imaginar que a denominação foi transferida rapidamente do conteúdo, de modo que Pisco já não só foi o recipiente que guardava o precioso licor, mas a bebida mesma passou a ser conhecida por essa palavra. (Extraído de G. Gutiérrez, *O Pisco / Notas para a Defesa Internacional da Denominação de Origem Peruana*. Lima, Fundo Editorial do Congresso do Peru, 2003).●

Chega a uva, nasce o pisco

Mariela Balbi

Grande deve ter sido o choque cultural para os espanhóis e os habitantes do império dos incas. Entre outros, aos primeiros faltavam os produtos de seu país, fundamentalmente o vinho – necessário para celebrar a missa e passar o tempo –, o pão e o azeite. Pelo que foi preciso trazer uvas para semear, também oliveiras e trigo. Devido a essa revolução no consumo, os segundos descobriram um fruto e um licor desconhecido que não tinha a cor nem o sabor da chicha, a bebida local.

Garcilaso de la Vega descreve assim a decisão dos conquistadores de plantar vinhedos: «as ânsias que os espanhóis tiveram por ver coisas de sua terra nas Índias foram tão abundantes e eficazes, que nenhum trabalho lhes parecia grande para deixar de intentar a satisfação de seu desejo».

Este cronista mestiço conta que foi Francisco de Cervantes, um antigo conquistador, quem trouxe as primeiras uvas ao Peru. Era uma uva preta – variedade da que se faz o pisco –, recolhida nas Ilhas Canárias. Refere igualmente que o primeiro vinho produzido nestas terras foi feito no Cusco, no ano de 1560. O espanhol Pedro López de Cazalla se lançou a esta empresa mais «pela honra e fama de ter sido o primeiro que no Cusco tivesse feito vinho de seus vinhedos, que pela cobiça dos dinheiros da jóia (duas barras de prata de trezentos ducados cada uma) que os Reis Católicos e o Imperador Carlos Quinto tinham mandado dar de seu real pecúlio ao primeiro que em qualquer povoado de espanhóis produzisse fruto novo da Espanha como trigo, vinho e azeite em certa quantidade».

O Jesuíta Barnabé Cobo situa os fatos em Lima, afirmando que as uvas da Espanha e quem primeiro as colheu em 1551, foi Hernando de Montenegro, um dos mais antigos moradores da capital do Vice-reinado. Era, de certo, um cultivo cobiçado, «e assim se estimavam tanto as primeiras parreiras; que era necessário guardá-las com gente armada para que não furtassem ou cortassem seus sarmentos...

«Penso que – com um cálice de transparente pisco na mão – que, de tê-lo conhecido, Noé tivera se embriagado com ele, Baco o tivera incluído entre as míticas bebidas de suas bacanais, a Omar Khayam tivera inspirado os mais belos poemas e, por refrescante e saudável, Verlaine o tivera preferido ao amargo e perturbador *absinthe*.»

JAVIER PÉREZ DE CUELLAR

«Creio que algumas bebidas etílicas são instrumentos de precisão para aliviar os pesares humanos. O pisco – acima de tudo na sua denominação de pisco sour – é alta tecnologia que chega no momento preciso aos centros nervosos exatos para aligeirar nossa fadiga e adoçar nosso ânimo. Claro que, como toda ferramenta de precisão, deve ser manipulada com cuidado. Recordamos o que comentava Mark Twain de um conhecido seu, afeto ao whisky: *Dizia que bebia para se estabilizar. À vezes se estabilizava tanto que já nem podia se mover...*»

FERNANDO SAVATER

Recolheu-se o primeiro vinho nesse vale de Lima».

Difícil determinar quem tem razão. O certo é que, a partir daí, o cultivo de videiras se estendeu por todo o vice-reinado e a produção de vinho se concentrou na costa sul, de Cañete a Moquegua. Conheceram-se muitas variedades: «A primeira

uva que foi plantada nesta terra e da que há maior abundância é algo vermelha ou de cor negra clara.. Já que se trouxeram outras diferentes uvas como são as molhars, albilhas, moscatéis, brancas e pretas». É interessante anotar que a maioria delas são até hoje as uvas pisqueiras.

Na metade do século XVI a

DO PISCO SOUR E OUTRAS GLÓRIAS

Antonio Cisneros

Na década dos anos cinquenta Lima era, a seu jeito, uma cidade boêmia e glamorosa. O Grande Hotel Bolívar, que já foi considerado o mais luxuoso de América do Sul, contava entre seus hóspedes com estrelas como Ava Gardner e Orson Welles. Poucos quarteirões adiante, encontrava-se o quase centenário Hotel Maury, onde costumava hospedar-se também John Wayne, quem, diga-se de passagem, entre uma e outra farra, terminou por se casar, e para sempre, com a peruaníssima Maria del Pilar Pallete.

Suspeito que por mais de uma razão, ou por razão nenhuma, Lima ficou sendo um lugar de encontro para esses ilustres personagens (entre outras coisas, aqui estava a sede principal da linha aérea Panagra). Mas, diz a fama, que houve uma outra e principal: o prodigioso coquetel chamado pisco sour. Instalados no bar de seus hotéis, Gardner, Welles e Wayne eram invencíveis. Principalmente quando se tratava do pisco sour duplo, talvez triplo, conhecido como *catedral*. Conta-se que, numa ocasião, a bela Ava Gardner, depois de ter tomado uma dúzia de *catedrais*, dançou sobre a barra do rutilante Grill Bolívar para escândalo e gozo de todos os frequentadores.

Sem ser o único, o pisco sour é, sem nenhuma dúvida, o aperitivo mais renomado destes lugares. Sua origem data de princípios do século XX e se diz que foi criado por um esperto barman do Hotel Maury. Outros também atribuem tal genialidade a um taverneiro do já desaparecido Morris Bar. Seja como for, fica bem claro que esta excelente bebida, preparada sobre uma base de pisco puro, realçado com sumo de limão, clara de ovo e gelo picado, é tão peruano como Macchu Pichu ou o hino nacional.

Colônia florescia, deixando atrás as guerras entre os conquistadores e privilegiando o trabalho do campo ou da construção. As terras escolhidas para os vinhedos eram férteis e se beneficiavam do guano das ilhas situadas frente a Pisco, cujo uso tinha sido comum entre os incas. Em 1572, só em Ica se produziam 20.000 arrobas de vinho, aproximadamente 230.000 litros (1 arroba = 11,5 kg.) e pouco depois, segundo os fidedignos dados do contador López de Cervantes, a produção vinícola de Ica bastava para prover a necessidade de Lima e ainda exportar a Terra Firme e a Nova Espanha» (Tomado de M. Balbi. *Pisco é Peru*. PromPeru, Lima, 2003). ●

ARTE DE BEM BEBER

PISCO SOUR

3 oz. de pisco puro
1 oz. de suco de limão
1 oz. de xarope de açúcar
(ou duas colheres de açúcar)
1 clara de ovo
4 cubos de gelo
Liquidificar durante 20 segundos e servir (o gelo deve se desfazer)
Colocar uma gota de amargo de angostura no meio do cálice.

ALGARROBINA

11/2 oz. de pisco
1 colherinha de açúcar
3/4 oz. de algarrobina
2 oz. de leite evaporado
1 gema de ovo
4 cubos de gelo
Canela em pó
Bater durante um minuto e espolver com canela.
Se desejar, colocar mais açúcar.

CAPITÃO

2 oz. de vermute doce
11/2 oz. de pisco puro
4 cubos de gelo
Agite todos os ingredientes numa coqueteleira e sirva.

Receitas do barman Jael Ramos, recolhidas na obra *Pisco é Peru*.
1 oz. equivale a 28,35 g.



A VISITA DE HUMBOLDT



A presença do sábio alemão no nosso país foi lembrada num recente livro* que reúne trabalhos do conhecido intelectual peruano Estuardo Núñez (Lima, 1908) e do científico alemão Georg Petersen (Flensburg, 1898 - Lima, 1985) de cujo estudo, reproduzimos um extrato.

O ilustre científico Alexander Von Humboldt dedicou cinco anos à sua memorável viagem de exploração das Américas, do dia 5 de junho de 1799, dia em que partiu de La Coruña, Espanha, até o dia 3 de agosto de 1804, data em que retornou a Burdeos. Essa empresa de exploração que foi financiada de seu próprio pecúlio, não contou com as facilidades que em aquela época se brindavam aos membros de outras expedições famosas, financiadas por vários Estados europeus, nem dispôs, portanto, de mobilidade marítima própria, e por esse motivo sempre dependia da navegação comercial, de itinerário irregular ou de enlances eventuais com outras expedições. Isso explica o «apertado tempo» e as demoras inesperadas e para compensá-las teve que mudar mais de uma vez sua rota de

viagem. A um inconveniente desses, deve-se a circunstância de sua viagem ao Peru, segundo o referido por ele mesmo na parte final de sua amena memória sobre a meseta de Cajamarca.

Beirava os 33 anos de idade o esforçado viajante, quando pisou por primeira vez o solo peruano, no dia 1º de agosto de 1802, permanecendo nele até a tarde do dia 24 de dezembro do mesmo ano. Dos 146 dias que durou sua estadia no Peru, 52 correspondem ao trajeto entre Lucarque e Lima e os 94 restantes a estadias em Tomependa (15), Cajamarca (4), Trujillo (13) e Lima (62). A rota seguida tem, em números redondos, 1.200 quilômetros, o equivalente à jornada habitual de uma viagem com bestas de carga. Na prática, essa norma poderia variar muito de acordo às circunstâncias do

caminho, aos intervalos entre os lugares que pernoitava e o tempo empregado em observações feitas pelo caminho e à recopilção de pedras e plantas.

Foram companheiros de viagem de Humboldt, o médico e botânico francês Aimé Bonpland, Carlos Aguirre e Montúfar, quitenho e o perito em pintura botânica e Carlos Cortés, também de Quito. Completavam a expedição, os arrieiros necessários para o cuidado da cavalaria e das 18 ou 20 mulas de carga requeridas para o transporte da volumosa equipagem e das coleções de plantas e pedras.

Durante setenta anos de atividade científica, Humboldt escreveu centenas de cartas e trabalhos; as contribuições de outros autores sobre ele são também numerosas. Bibliografias de J. Löwenberg e da *Deutsche*

Bücherei, os títulos catalogados até 1959 ascendiam a 966.

Humboldt dedicou ao Peru seu conceituado estudo sobre a meseta de Cajamarca que constituiu um dos capítulos finais de sua obra *Quadros da Natureza*. Nele relata as incidências da viagem feita pelo «lombo» da Cordilheira andina, com seus frios páramos, rios caudalosos e caminhos acidentados; a formosura dos vales de Chamaya e do Marañón (então chamados de Alto Amazonas), com exuberante vegetação e flores primorosas; completa a relação com apreciações sobre as antiguidades e a população daquelas paragens. ●

* Estuardo Núñez / Georg Petersen
Alexander Von Humboldt no Peru. Diário de viagem e outras notas.
Lima, Banco Central de Reserva, 2002.

Visão integral de nossos vinte e quatro departamentos

NOVO ATLAS PERUANO

O esforço por oferecer uma ordenada informação da geografia, povos e costumes de nosso país encontra suas raízes – muito além das minuciosas estatísticas dos *quipus* pré-hispânicos – na curiosidade dos principais cronistas do século XVI e começos do XVII: junto ao relato dos sucessos históricos presenciados ou ouvidos, costumavam descrever prolixamente algumas das características geográficas, naturais e culturais que mais os surpreendiam na aproximação desse reino de biodiversidade que ainda é o Peru.

Viajantes e expedicionários europeus filhos da Ilustração, como Jorge Juan e Antonio de Ulloa, deixaram posteriormente uma valiosa bibliografia ao respeito. E na segunda metade do século XIX, em meio a um complexo processo de afirmação republicana, sobressaiu a notável obra geográfica e histórica dos



irmãos Paz Soldán, cujo trabalho foi seguido nos cem anos seguintes por figuras tais como Javier Pulgar Vidal, falecido recentemente, e outros agudos investigadores.

Agora, numa acessível edição patrocinada pelo jornal *La República* e a Universidade Ricardo Palma, a Editora Peisa oferece em doze impecáveis tomos profusamente ilustrados e documentados, um

Atlas Departamental do Peru que reúne «a imagem geográfica, estatística, histórica e cultural» dos vinte e quatro departamentos do país, convertidos também, desde o presente ano em novíssimas regiões.

Este Atlas supera de longe a valiosa série *Documental do Peru* que, também por departamentos e com igual ânimo de divulgação,

apareceu a princípios dos anos setenta. O vasto material que contém foi elaborado por uma equipe de múltiplas disciplinas sob a batuta de Carlos Garayar; Walter H. Wust e Germán Coronado, e conta com o apoio estatístico do *Instituto Cuánto* e a cartografia do *Grupo Geographos*. Trata-se, em resumo, de uma obra de consulta indispensável para se ter um conhecimento atualizado de nosso país, e que vem de algum modo a complementar o fundamental trabalho de Alberto Tauro del Pino: *Enciclopédia Ilustrada do Peru* – antes *Dicionário Enciclopédico do Peru* – que a mesma *Editores Peisa* e o jornal *El Comercio* tiveram o acerto de publicar no ano de 2001, pouco depois da morte do citado e diligente historiador, e cuja reedição atualizada aparecerá, brevemente, em 2005. (Alonso Ruiz Rosas) ●

SONS DO PERU

EVA AYLLÓN. **EVA** (SONY, LIMA, 2002)

Diva da música afro-peruana, cantora de enorme popularidade em nosso país, curiosamente pouco conhecida no exterior, Eva Ayllón dá um passo crucial para conseguir sua «internacionalização» com este álbum. Colabora no esforço o argentino Pedro Aznar (famoso por ter se associado com Charly García e David Lebón no «super grupo» Serú Girán), que faz um impecável trabalho de produção. Sem perder de vista suas raízes musicais, a voz de Ayllón tem aqui um tom mais universal que nunca, projetando os sons tradicionais da costa peruana.



cultura popular que nasceu das tensões e sínteses próprias do impacto social dos migrantes que transformaram completamente o horizonte urbano da capital do Peru no final dos anos sessenta. «Chacalón», nesta notável introdução à sua obra editada pelo selo espanhol Nuevos Medios, reúne os paradigmas que caracterizam a «chicha» ou

cumbia peruana: em canções tão emblemáticas como «Sou provinciano» ou «Minha dor», o também chamado faraó da chicha, interpretou, no microfone, as palpitações dos morros das zonas marginais de Lima.

DANIEL F. **MEMÓRIAS DES-DE VESÂNIA** (GJ RECORDS, LIMA, 2002)

O cantor, compositor e ativista «subterrâneo» Daniel F. é um dos mais enigmáticos artistas da cena roqueira independente do Peru e o líder, durante mais de vinte anos, da banda Leusemia. Nesse disco, Daniel F. desliga sua guitarra e se abandona à beleza e à profundidade lírica de umas composições que, transitando pela retórica amorosa e a introspecção sentimental, podem nos levar tranquilamente ao trabalho de figuras tão proeminentes da canção ibero-americana como

Juan Manuel Serrat ou Fernando Ubriego. Um álbum revelador.

DUO AYACUCHO. **AO VIVO** (QÁTARI, LIMA, 2002)

Uma antologia de canções que é tanto uma seleção do melhor do repertório desses autênticos «super astros» da nova geração de artistas vernaculares de nossa terra, como também uma rápida revisão dos momentos mais intensos da recente excursão que fizeram pelo território nacional. Raúl Gomez (primeiro violão, voz) Viterbo Aybar (voz) de Ayacucho e de Apurímac respectivamente, recorrem o mesmo caminho já transitado pelos exitosíssimos irmãos Gaitán Castro ou William Luna: folclore andino processado pelo filtro de novas tecnologias, embora neste caso persista o protagonismo do violão ayacuchano. (Raúl Cachay). ●

CHACALÓN E O NOVO CREME. **O MELHOR DO FARAÓ DA CHICHA** (NUEVOS MEDIOS, MADRI, 2002)

Lorenzo Palacios, «Chacalón», foi a primeira figura portentosa da

AGENDA

COMISSÃO INTER-AMERICANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Entre o dia 5 e o dia 8 de maio, realizou-se em Lima a *Reunião Especial da Comissão Inter-Americana de Ciência e Tecnologia da OEA*, organizada pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CONCYTEC) de nosso país. Na reunião, à que concorreram delegados correspondentes dos países membros, discutiram-se temas prioritários para a cooperação na ciência e tecnologia que se incluirão na reunião hemisférica de ministros de ciência e tecnologia, prevista para o início do ano de 2004. Da mesma maneira se identificam como áreas prioritárias: ciência e tecnologia para a competitividade do setor produtivo; ciência e tecnologia para o desenvolvimento científico e tecnológico regional.

CAMINHO DE INTEGRAÇÃO

Em Lima também se celebrou nos dias 1º e 2 de abril, a *Primeira Reunião Técnica Regional do Projeto Qhapaq Ñan – Caminho Inca*, com representantes da Argentina, Bolívia, Colômbia, Chile, Equador e Peru, assim como funcionários do Centro de Patrimônio Mundial da UNESCO. Nessa reunião, que representou o lançamento do referido projeto, os seis países reafirmaram o compromisso de utilizar todos os esforços a seu alcance para que o Qhapaq Ñan – Caminho Inca seja declarado Patrimônio Cultural da Humanidade.

Os países de Bolívia, Chile, Equador e Peru também subscreveram um Memorando de Entendimento para apoiar um Perfil de Cooperação Técnica Regional que o Governo do Peru submeteu à consideração do Banco Inter-Americano de Desenvolvimento (BID), para a elaboração de um Plano de Ação Regional que permita a posta em valor desse antigo sistema vial.

Para o financiamento do referido perfil o BID se comprometeu oferecer uma quantia de US\$ 250.000, que deverá ser complementada com um fundo de contrapartida de US\$ 150.000. O citado plano deverá abranger quatro linhas estratégicas: Patrimônio arqueológico e herança cultural; conservação do patrimônio natural associado ao caminho; desenvolvimento local comunitário e turismo sustentável com participação comunitária.

HONRA AO TEÓLOGO

O sacerdote peruano Gustavo Gutiérrez, da Ordem Dominicana, receberá no próximo mês de outubro o Prêmio Príncipe de Astúrias em reconhecimento à sua excepcional reflexão intelectual à luz da fé e a doutrina católica. O autor de *Teologia da Liberação* e outras obras notáveis nas que fundamenta sua «opção preferencial pelos pobres» mereceu o reconhecimento de diversas personalidades e instituições dentro e fora de nosso país. ●

CHASQUI

O Correo do Peru
Boletim Cultural

MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES
Subsecretaria de Política Cultural Exterior
Jr. Ucayali 363 – Lima, Peru.
Telefone: (511) 311-2400 Fax: (511) 311-2406
E-mail: postmaster@ree.gob.pe
Web: www.ree.gob.pe

Os artigos são responsabilidade dos autores. Este boletim é distribuído gratuitamente pelas Missões do Peru no exterior.

Impressão:
Tarea Asociación Gráfica Educativa
Telefone: 424-8104

Tradução:
Angela Maria Peltier de Maldonado

DIRETORIA EMPRESARIAL

PROMPERU
Comissão de Promoção do Peru
Calle Oeste No. 50 – Lima 27
Telefone: (511) 224-3279
Fax: (511) 224-7134
E-mail: postmaster@ree.gob.pe
Web: www.ree.gob.pe

PROINVERSIÓN
Agência de Promoção da Inversão
Paseo da República No. 3361
piso 9 – Lima 27
Telefone: (511) 612-1200
Fax: (511) 221-2941
Web: www.proinversion.gob.pe

ADEX
Associação de Exportadores
Av. Javier Prado Este No. 2875 – Lima 27
Telefone: (511) 346-2530
Fax: (511) 346-1879
E-mail: postmaster@adexperu.org.pe
Web: www.adexperu.org.pe

CANATUR
Câmara Nacional de Indústria e Turismo
Jr. Alcanfores No. 1245 – Lima 18
Telefone: (511) 445-251
Fax: (511) 445-1052
E-mail: canatur@ccion.com.pe

ESTA EDICIÓN HA SIDO AUSPICIADA POR PETRÓLEOS DEL PERÚ



AL SERVICIO
DE LA
CULTURA

O CORPUS CHRISTI DE CUSCO

Renata e Luis Millones

O cronista Polo de Ondegardo nos antecipa as semelhanças que vai encontrando entre o Inti Raimi dos Incas e o Corpus Christi, uma das mais apreciadas celebrações da cristandade.

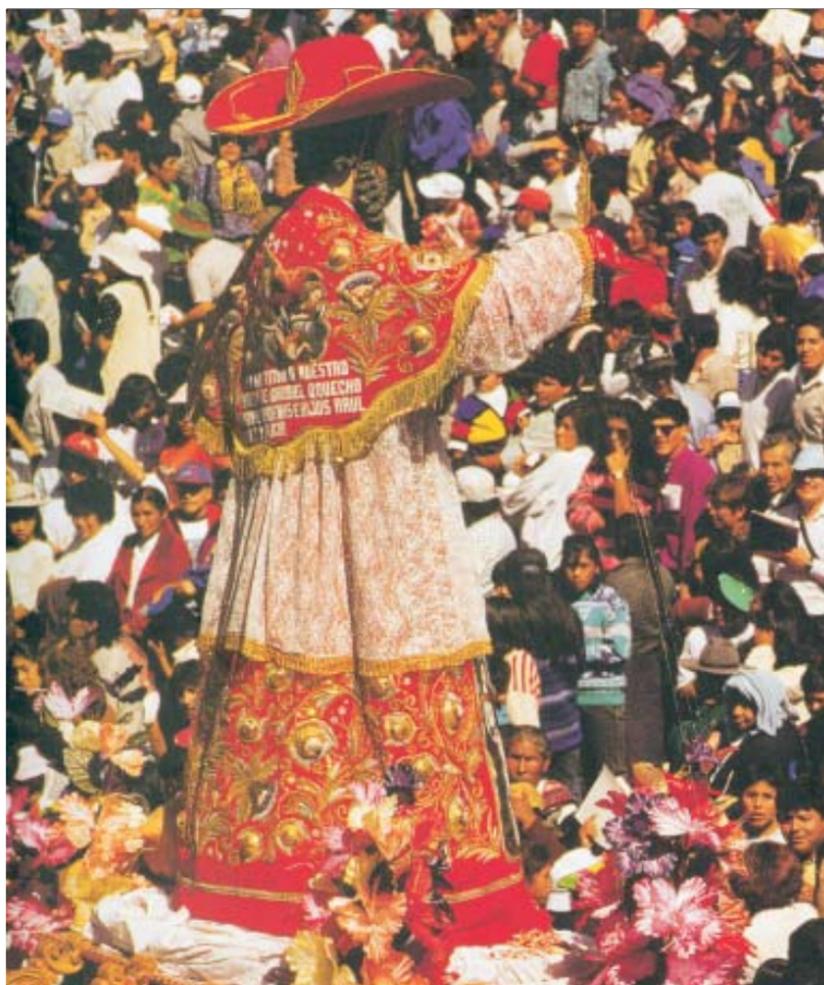
«Hase de aduertir que esta fiesta cae quasi al mismo tiempo que los christianos hazemos la solenidad de Corpus Christi»... As superposições dos calendários pré-colombianos e coloniais são mais que tudo o fruto de uma busca forçada.

Isto não desmente a enorme importância que teve o Inti Raimi cusquenho da época inca. Foi certamente a festa principal do Tawantinsuyu, porque se rendia homenagem a Inti, o maior dos deuses do panteão inca. A representação moderna é um festival recriado na década de 1940, com fins turísticos. Mesmo assim, foi ganhando prestígio e seu estudo precisa de uma atenta mirada dos antropólogos.

O Corpus Christi cusquenho foi convertido, em troca, na festa regional por excelência e desde épocas coloniais até nossos dias goza de múltipla participação, testemunhada pela iconografia vice-reinal e o compromisso dos cusquenhos. A tradição popular transformou esta festa numa grande assembléia das imagens de igrejas da cidade e dos povoados vizinhos. A reunião é presidida pela imagem de Cristo, o Taytacha Temblores da catedral, que durante os dias em que os santos e as virgens permanecem no templo, dialoga com eles, ouve seus pedidos e satisfaz suas demandas de prêmio ou castigo ao comportamento dos fiéis de cada paróquia.

Ali comparecem quinze imagens das paróquias de origem colonial e dos distritos de São Sebastião, São Jerônimo, São Cristóvão, Santa Bárbara, Santa Ana, Patrão Santiago, São Brás, São Pedro, São José, Virgem de Almudena, Virgem de Belém e a Virgem da Imaculada Conceição, conhecida como a Linda. Esta imagem como a de Cristo dos Tremores, são da Catedral. O Cristo (Taytacha) não desfila nessa ocasião.

O Corpus Christi, como parte do Culto católico é muito



« A tradição popular transformou esta festa numa grande assembléia das imagens de igrejas da cidade e dos povoados vizinhos. »

antigo. A festa foi estabelecida por Urbano IV em 1264 e novamente promulgada por João XXII em 1317. Quando Espanha expande seu império, a legalidade do seu domínio se afirmava numa concessão papal que obrigava seus governantes a evangelizar as terras descobertas. Essa foi uma de suas preocupações no Novo Mundo que se fez difícil de cumprir nos Andes, devido às prolongadas guerras entre os conquistadores. Só o quarto vice-rei do Peru, Francisco Toledo, (1569-1581) pode organizar o controle

político e ideológico do vasto território do Tawantinsuyu. Em 1572, como parte desse empenho, ditou entre suas ordenanças aquela que se refere à obrigatoriedade do Corpus Christi: «pelo que representa, como por ir nela o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro...trinta dias antes de dita festa, o dito corregidor mande juntar nas casas da comunidade, estando presente o Ajuntamento, todos os mercadores e todos os oficiais de todos ofícios aos quais havendo-lhes

manifestado antes de todas as coisas a obrigação que tem de honrar e celebrar a dita festa, cada ofício com sua possibilidade, pelo que representa ou porque é uso e costume em toda parte onde há cristãos, mande-lhes dispor que cada ofício faça sua dança ou auto representação...».

A obrigatoriedade também implica determinações moralizadoras: proíbe-se às mulheres que se assomem às janelas para ver a procissão porque fazendo isso, não só desobedeciam a ordem de participar nela, mas também distraíam os fiéis.

A multa era de cinquenta pesos. Toledo também fez críticas à maneira como os indígenas celebravam o Corpus Christi: «em todos os negócios públicos, os índios costumavam antes e depois fazer bebedeira e exorbitâncias e desconcerto no beber...». Não obstante, o vice-rei talvez intuiu que qualquer ordenança sobre o tema não prosperaria; isso se deduz do texto de seu mandato, que finalmente não agrega, «pena temporal» e o deixa a critério de seus funcionários.

Não interessa aqui se é ou não correta a adequação do calendário cristão. O característico dessa época no processo de evangelização e resistência é a percepção das autoridades européias a uma primeira e inevitável convivência de tradições que no caso do Corpus, devido à própria estrutura participativa da festa, permite a presença de rituais pré-colombianos. ●

Tomado do *Calendário Tradicional Peruano*. Fundo Editorial do Congresso do Peru, 2003.